

REVISTA DA ACADEMIA SOBRALENSE DE LETRAS (1922): ESCRITA, NACIONALISMO, HISTÓRIA E MISSÃO.¹

Francisco Denis Melo²

Resumo

A Revista da Academia Sobralense de Letras, datada de 7 de setembro de 1922, foi um importante espaço de sociabilidade da intelectualidade sobralense, que fez daquela revista um lugar de afirmação da História-Pátria, ratificando valores como o nacionalismo, o moralismo, o progresso e a civilização. Este artigo discutirá o primeiro texto da revista intitulado *Um século de independência*, de autoria de Clodoveu de Arruda, importante juiz da cidade, na perspectiva da “retórica como chave de leitura”.

Palavras-chave: História intelectual; literatura; retórica e missão.

Résumé

Le Revue de l'Académie des Lettres Sobralense, la date de Septembre 7 em 1922, a été un domaine important de l'intelligentsia sociale sobralense, qui a été révisée a partir d'un lieu d'affirmation de l'histoire du pays, ce qui confirme les valeurs et le nationalisme, le moralisme, le progrès et de la civilisation. Cet article traite de l'article premier de la revue intitulée 'Un siècle d'indépendance, par le Dr. Clodoveu de Arruda, important tribunal de la Ville, dans la "rhétorique et la pratique de la lecture".

Mots-clés: L'histoire intellectuelle; littérature; rhétorique et la mission.

Portanto, foi através do conhecimento da literatura, da história e das ciências que (...) discursou em nome da ideia de progresso e modernidade civilizatória (...) Logo, pode-se dizer que, em boa medida, a aproximação entre a cidade letrada (espaço de ação simbólica dos sujeitos que fazem uso da palavra escrita) e a cidade real (território das realizações materiais e institucionais), efetivou-se por conta desse segmento dominante ter afirmado seus interesses no poder local, seja na administração pública, imprensa (...) ou em instituições do saber (...)

Gleudson Passos Cardoso.

A Academia Sobralense de Letras- ASL - foi fundada a 03 de maio de 1922, no contexto de forte apelo nacionalista, em face das comemorações do centenário da independência, contexto em que também as academias literárias tiveram papel importante de fomentadoras e construtoras da identidade nacional, razão inclusive porque, o primeiro artigo da Revista da Academia Sobralense de Letras, tratar do

¹ Pesquisa que trata da análise da fundação da Academia Sobralense de Letras em 1922 e a discussão em torno de seu principal veículo de divulgação e de sociabilidade – sua Revista. O objetivo é entender a construção de uma dada retórica como elemento catalisador da história local e nacional.

² Professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú, com Mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Endereço eletrônico: arrarefeito@yahoo.com.br

centenário da nação, conforme detalharemos mais adiante. E não por acaso, a academia foi instalada oficialmente no dia 7 de setembro daquele ano. Dessa forma narra a fundação da ASL o historiador sobralense Sadoc de Araújo:

3 de maio de 1922 (4ª feira): Nasce a idéia da fundação da “Academia Sobralense de Letras”, com doze sócios fundadores: Dr. Clodoveu de Arruda Coelho, Dr. Cláudio Nogueira, Dr. Atualpa Barbosa Lima, Dr. Luiz Viana, Dr. Rui de Almeida Monte, Dr. Benjamim Hortênsio, Jornalista Craveiro Filho e Paulo Aragão, Lauro Menezes, Oriano Mendes e Pe. Fortunato Alves Linhares, Pe. Leopoldo Fernandes que foi o primeiro presidente.³

Da forma como escreve Sadoc de Araújo, a ASL nasce de uma idéia que encontra imediatamente guarida, uma vez que a data oficial de sua idéia de fundação é 3 de maio de 1922, de modo que a proposta peremptoriamente foi concretizada por seus ilustres fundadores. Fica dito de forma bastante sutil que o que sustenta tal praticidade entre o sonho e a realidade, é uma dada tradição intelectual que fazia de Sobral uma cidade diferente, e motivos para o sentido de distinção e excelência culturais não faltavam, segundo essa tradição, visto que a cidade, por exemplo, conheceu um dos primeiros Gabinetes de Leitura do Ceará, espaço agregador da intelectualidade local, fundado no ano de 1877 pelo Dr. José Júlio de Albuquerque Barros, mais tarde barão de Sobral, tendo funcionado no andar térreo da Casa da Câmara e Cadeia. Durante a seca de 1877-79 o Gabinete de Leitura foi fechado, só voltando a funcionar em 1886, mais de seis anos após o seu fechamento. O Gabinete mantinha uma escola primária aberta para a comunidade sobralense.

Outro aspecto que chama atenção na citação, é o número de doutores fundadores da academia, o que nos leva a refletir que “uma das conseqüências desse prestígio da palavra escrita, dessa crença mágica no poder das idéias, seria o bacharelismo, a

³ ARAÚJO, Francisco Sadoc de. Cronologia Sobralense. Volume V – 1911-1950. Sobral: Imprensa Universitária-UVA, 1990. p. 119

fascinação pelo título de doutor”⁴. São exatamente esses doutores que escrevem praticamente todos os artigos da primeira revista da ASL.

O objetivo deste artigo é analisar um dos ensaios da revista chamado *Um século de Independência* de autoria do Dr. Clodoveu de Arruda Coelho, Promotor de Justiça, Juiz Substituto da Comarca de Sobral, e colaborador nos jornais locais, e que como o próprio título sugere, trata-se de uma homenagem à independência do Brasil. Trabalharemos nossa análise na perspectiva da “retórica como chave de leitura”, fundamentada nas reflexões de José Murilo de Carvalho⁵. De modo que procuraremos na envergadura do texto do ilustre Promotor de Justiça, atinar pelos caminhos da retórica, da frase bem feita e arrumada, dos recursos estilísticos na condução de uma escritura que busca acima de tudo afirmar os valores da pátria, de sua gente civilizada e de seu “padrão de civismo”.

A Revista da Academia Sobralense de Letras publicada em 1922 na tipografia Correio da Semana em Sobral tem 119 páginas e formato de brochura, medindo 21x14. O seu diretor é o Dr. Atualpa B. de Lima, clínico geral em Sobral e região. A revista tem na capa o Brasão da República e a data oficial de instalação da mesma, no dia 7 de setembro de 1922. São apresentados seis artigos, sendo entremeados por 6 sonetos e por dois poemas, sendo que o primeiro poema tem como título Jangadas, de autoria de Lauro Menezes e descreve as jangadas que “vão pelo espaço azul das amplidões azues”, e outro longo poema intitulado *Dentro do passado*, de autoria de Paulo Aragão, bancário e poeta, e que homenageia a “descoberta” do Brasil por “Cabral, o marinheiro audaz” que “levava no coração a coragem do forte, a grandeza de todos os sublimes sentimentos”. Todos os sonetos da revista trazem apenas as letras das iniciais dos nomes de seus autores, e o pseudônimo Carica Turista, igual para todos.

Apresentaremos logo abaixo os títulos de todos os artigos e seus respectivos autores, para que tenhamos uma visão mais completa da publicação:

Título	Autor
--------	-------

⁴ CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. In: Topoi, Rio de Janeiro, n° 1. p. 129

⁵ CARVALHO, op. Cit. P. 123

Um século de independência	Dr. José Clodoveu de Arruda Coelho
Em voz alta (Médicos e Curandeiros)	Dr. Benjamim Hortênsio
Pela instrução pública	Atualpa B. Lima
Um caso banal	Luiz Viana
Suppostas antinomias	Padre Leopoldo Fernandes Pinheiro
Notas históricas da cidade de Sobral	Padre Fortunato Alves Linhares

Não há entre os seis artigos nenhum que trate de literatura especificamente. A dimensão literária da revista, se é que podemos dizer assim, fica por conta dos sonetos e poemas. De modo que os artigos versam sobre os mais diferentes assuntos, desde as questões ligadas à instrução pública, até as discussões sobre a história, que, diga-se de passagem, somam dois artigos e representam o assunto mais discutido da revista, de modo que os acadêmicos buscavam “construir seu “lugar na história” e, dessa forma, relendo e reescrevendo os fatos e as interpretações do calendário cívico de um país”⁶.

A revista não especifica o número de exemplares, não traz nenhum anunciante, de modo que os nomes e as fotografias de ilustres profissionais liberais da cidade funcionavam, especulamos, como anunciantes; nem acena para qualquer perspectiva de circulação da mesma, pelo que somos levados a concluir que os exemplares circulavam entre os acadêmicos, as bibliotecas das escolas da cidade, o seminário diocesano e certamente em outras academias literárias em forma de permuta com outras revistas, pelo que constatamos quando verificamos na biblioteca da ASEL alguns exemplares de outras revistas de academias literárias principalmente do Piauí.

Consideramos importante uma reflexão sobre o status da revista em um contexto da década de 20 do século XX, em que várias revistas literárias são lançadas na esteira da Semana de Arte Moderna de 22, isso porque à pergunta o que havia de modernista na revista da ASL? Não encontramos uma resposta a contento, uma vez que não há

⁶ GOMES, Ângela de Castro. História e historiadores. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 22

manifesto literário, não há propostas, não se anuncia um novo caminho literário. Não que a Semana de 22 tenha reverberado decisivamente em torno de um “novo tempo literário”, apresentando novas fórmulas literárias para a nação, mas não restam dúvidas de que na década de 20 do século passado há “uma reformulação ideológica diretamente ligada à compreensão da nacionalidade, da universalidade, e ao compromisso do intelectual com o povo de seu país e de todo o mundo”⁷, que de certo modo a revista da ASL reflete na perspectiva de um conservadorismo e de um moralismo bem articulados. Assim, a revista ama a pátria heróica e cristã, sinônimos de civilização, e aposta no futuro, simbolizado pelo progresso.

Na contracapa da revista temos uma fotografia de uma página inteira do Dr. Epitácio Pessoa, “glorioso presidente nacionalista, invicto defensor da legalidade, o eminente salvador do Nordeste merece um culto de grande admiração e religioso respeito, de todo brasileiro que ama acima de tudo a sua Pátria generosa e opulenta”. O que demonstra a relação “religiosa” e “santa” que se trava entre o “artífice maior da história do Brasil”, que merece exatamente por isso, por parte da população brasileira, “um culto de grande admiração e religioso respeito”, e o sentido da história estabelecido naquele contexto nacional de afirmação da nacionalidade e civismo. Na página seguinte a fotografia menor do Dr. Justiniano de Serpa, “brilhante tribuno, jurista de áureo renome, estadista luminoso, o emérito presidente da terra de Iracema, é também o presidente de honra da Academia Sobralense de Letras”. Mais um “santo” do panteão da pátria. Na página 9 temos a fotografia do jovem D. José Tupynambá da Frota, primeiro bispo de Sobral, pelo que “ornando a nossa Revista com o retrato do Exmo. E Revmo. Snr. D. José Tupynambá da Frota, move-nos o delicado sentimento de justiça de prestar ao conspícuo sócio honorário da “Academia Sobralense de Letras”, que é também um dos mais espíritos mais luminosos do Ceará, o preito sincero de nossa homenagem e reverencia”. Outras fotografias de ilustres sobralenses acompanham ainda a revista, caso do Cel. Henrique Rodrigues de Albuquerque, Padre Francisco Leopoldo Fernandes Pinheiro, “Presidente da Academia Sobralense de Letras e director de nosso brilhante collega Correio da Semana, órgão catholico que se edita, semanalmente, nesta cidade”, do Dr. Atualpa Barbosa Lima, diretor da revista e do Dr. José Saboya de Albuquerque,

⁷ LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: COSTA, Wilma Peres da. LORENZO, Helena Carvalho de (orgs) A década de 20 e as origens do Brasil moderno. São Paulo: UNESP, 1998. p. 113

“membro honorário da Academia Sobralense de Letras e ilustrado Juiz de Direito desta comarca”.

As fotografias em questão não servem apenas para ilustrar a revista, mas são documentos valiosos de comprovação do valor da publicação e estabelecem diálogo importante com as principais autoridades do estado e da cidade de Sobral, sendo que o peso e o tom das legendas que acompanham todas as fotografias demonstram que “a declamação equivale em retórica à parte chamada de elocução, que era sem dúvida do conhecimento dos políticos, professores e advogados (...)”.⁸ O peso do texto, os sentidos das figuras de linguagem, a iluminação da escrita, certamente apontam para a arregimentação de alguns valores fundamentais em torno do civismo, além do entendimento de que o Dr. Epitácio Pessoa, “glorioso presidente nacionalista, invicto defensor da legalidade, o eminente salvador do Nordeste merece um culto de grande admiração e religioso respeito”, se coloca como o “santo maior” a ocupar o panteão da pátria, como já frisamos anteriormente.

A revista é fechada com a sessão *Notas acadêmicas*, em que se anunciam várias notícias internas sobre a ASL. Temos ainda nesta sessão o nome de todos os doze acadêmicos, conforme segue: Padre Leopoldo Fernandes, Dr. Benjamim Hortênsio, Dr. Atualpa B. Lima, Dr. Luis Vianna, Dr. Clodoveu de Arruda, Paulo Aragão, Cláudio Nogueira, Lauro Menezes, Craveiro Filho, Dr. Ruy Monte, Padre Fortunato Linhares e Oriano Mendes. Segue uma nota sobre a Academia Cearense de Letras, uma *observação* sobre os erros de impressão contidos na revista e a Ficha técnica da mesma, dispondo da seguinte maneira a diretoria:

Presidente: Padre Leopoldo Fernandes Pinheiro

Vice-presidente: Dr. Benjamim Hortênsio

Orador: Dr. Clodoveu de Arruda Coelho

Secretario: Craveiro Filho

Bibliotecário: Cláudio Nogueira

Thezoureiro: Dr. Luiz Vianna

⁸ CARVALHO, José Murilo de. Op. Cit. P. 145

A comissão técnica era formada pelo Dr. Ruy Monte, Padre Fortunato Linhares e Dr. Clodoveu de Arruda.

A nota introdutória da obra, intitulada *Assomando...*, que segundo o dicionário Aurélio, significa: 1. Subir a lugar elevado ou extremo. 2. Aparecer em ponto alto ou extremo. 3. Mostrar-se, aparecer, nos diz muito sobre os sentimentos e valores que moviam os idealizadores da revista, já que se tratando do primeiro exemplar da mesma, os seus articulistas certamente mostravam-se no “ponto mais elevado” da sociedade sobralense, na medida em que sendo “produto de um tempo, os redatores tentam se inscrever neste panorama por eles qualificado como de efervescência literária e propício à expressão artística”⁹, de modo que os caminhos abertos pela “expressão artística” garantiriam aos intelectuais da ASL um lugar privilegiado no contexto de amplas mudanças, especialmente nas cidades brasileiras do começo do século XX, quando sob os impactos dos discursos progressistas e ordenadores, a intelectualidade arregimentava projetos de intervenção social, tendo na palavra escrita e impressa o motor de um “novo tempo”, fazendo-nos compreender que

A vida intelectual constitui um importante sinal da capacidade de organização e diferenciação social de uma determinada sociedade, expresso em jornais, livros, debates, partidos políticos, instituição de saber etc.¹⁰

A vida intelectual de que fala o texto acima, organizada em torno da revista da academia, certamente repercutia em outros espaços da cidade de Sobral, e o fato da mesma ter sido certamente editada a expensas de seus fundadores, equivale para nós a um atestado de competência de todos os seus articulistas, uma vez que a grande maioria deles, profissionais liberais, médicos e advogados, tinham escritórios e consultórios na cidade, de modo que atendiam a seus clientes e pacientes, e tinham na obra impressa, mais uma “prova” de sua proveniência, competência e caráter cívico, qualidades fundamentais para a requisição de seus serviços, suponhamos.

⁹ OLIVEIRA, Francisco de Assis Santos de. A revista Phenix: “letras que vivem no trabalho e do trabalho”. In: Em tempo. História, memória, educação. Fortaleza: UFC. Programa de Pós-Graduação em História Social, 2008. p. 241

¹⁰ NEVES, Frederico de Castro. SOUSA, Simone. (orgs) Intelectuais. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 14

O primeiro parágrafo da nota introdutória nos diz que “Libra-se hoje, no seu primeiro e auspicioso remígio, pelas límpidas e rútilas regiões da imprensa indígena, a nossa Revista da Academia Sobralense de Letras”, como a postar-se diante da “imprensa indígena”, como medida auspiciosa, o que equivale para nós, a cidade ordenada e civilizada, na medida em que “parece que todos devem imprimir e tudo deve ser impresso”¹¹, para que tenha legitimidade e goze do sublime direito de existência, pois eis que, segundo a mesma introdução, “este nosso surto outra coisa não traduz, senão o despertar do portentoso (...) lastro do patrimônio intelectual sobralense, cimentado no pedestal das mais honrosas tradições, no departamento das letras”, que por estar impresso e ser dado a público, se filia a uma portentosa tradição literária que, contraditoriamente, a revista não menciona em nenhum de seus artigos. De modo que somos levados a nos perguntar quem ocupa o centro do “pedestal das mais honrosas tradições, no departamento das letras” na cidade de Sobral?

Digna de nota é ainda a seguinte passagem: “A nossa Revista representa, assim, o elo forte e inquebrantável, ligando as conquistas do pretérito aos avanços do presente e aspirações do futuro, estratificando o nosso progresso, num supremo ideal de Arte, que, além, se nos entremostra, em claros dias porvindouros, nos cimos iluminados magestosos da alcandorada montanha espiritual, que nos decidimos a galgar.” Os autores dos artigos articulam a fundação da academia, a criação da revista, o teor dos textos escritos, com o lastro de uma tradição ligada “as conquistas do pretérito” com os “avanços do presente e aspirações do futuro”, de modo que reconhecemos na dimensão gongórica do texto em tela, a “invenção de uma dada tradição” a mover a cidade sempre para um futuro grandiloquente¹²... É uma cidade de pequenos gestos, curiosos chavões e de “grandes vultos”, como podemos citar a expressão comum em todo o Ceará, dos “Estados Unidos de Sobral”, ou o caso do nome e da imagem do primeiro bispo da cidade, Dom José Tupynambá da Frota, que paira sobre os discursos políticos e historiografia oficial, como “o maior benfeitor de Sobral”... De modo que podemos ler

¹¹ CRUZ, Heloisa de Farias. São Paulo de papel e tinta. Periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo:EDUC-FAPESP, 2000. p. 81

¹² A fundação da Vila de Sobral, em 1773, como Vila Real e Distinta de Sobral, ainda hoje pesa na historiografia local como a marca de uma distinção capaz de dar um lugar especial a vila e posteriormente a cidade em todo o Ceará. E ainda o fato de no Ceará o desenvolvimento ter começado pelo interior, em Sobral com o charque e posteriormente com o comércio com parte da Europa via porto de Camocim, ajudou a construir uma imagem de cidade progressista, culta e desenvolvida. Ver Sobral, História e Vida, Edições UVA, 1999.

nos textos oficiais da historiografia local uma historiografia que é muito mais uma hagiografia sobre a vida do primeiro bispo...

Um Século de Independência: “A cruzada heróica e edificante da independência da pátria brasileira do jugo lusitano”.

Dr. Clodoveu de Arruda Coelho, tem a honra de abrir a revista da ASL com o seu artigo *Um século de independência*, em que relata sobre as grandezas do Brasil, suas belezas, suas agruras, mas também suas possibilidades irrevogáveis de um futuro brilhante e generoso. Dessa forma inicia o seu texto:

Por todos os âmbitos de nosso Paiz, desde as ruidosas cidades lapidadas no imenso laboratório da Civilização, até as mais humildes e obscuras aldeias brasileiras, esta sendo festivamente comemorada a gloriosa data histórica, que assignala a implantação do marco luminoso do Centenário de nossa emancipação política¹³.

O início do texto já aponta algumas das características retóricas que analisaremos a partir de agora em nossas reflexões, tais como as metáforas cintilantes e especialmente o vocabulário comum ao cientificismo do final do século XIX e começo do século XX. Por certo a cidade de Sobral na década de 1920 estava sendo lapidada “no imenso laboratorio da Civilização”, de que era prova irretorquível a fundação da ASL e a criação de sua revista de letras. Temos assim, a “tendência brasileira, sobretudo dos políticos liberais, para a “política silogística”, para o bacharelismo e o verbalismo”¹⁴, em que as palavras bem colocadas, quase que suspensas no texto, em que o tom declamativo efetivamente construía o sentido do discurso que muitas vezes era conduzido para dentro do próprio texto, na medida em que o poder das figuras de linguagem expressavam o sentido de uma “verdade” que não estava nos acontecimentos, mas na tessitura do próprio discurso...

¹³ COELHO, José Clodoveu de Arruda. Um século de independência. Revista da Academia Sobralense de Letras. Vol 1. Sobral: Typografia Correio da Semana, 1922. p. 11

¹⁴ CARVALHO, José Murilo de .Op.cit. p. 129

Temos em outra passagem do texto, o seguinte:

E estava dentro do domínio da clava inexhoravel das fatalidades históricas, actuando sobre os nossos destinos, como um nune tutelar da nossa nacionalidade – que o pequeno regato, buscando a Terra da Promissão, - a cobiçada Channaan da nossa emancipação, - havia de se transformar, como se transformou, em corrente volumosa e escachoante, em caudal impetuosa e indomita... e romper de vez, como rompidas foram, as cadeias que acorrentavam o gigante paiz emjaulado, abater os diques que se lhe antepunham (...)¹⁵

O ritmo e a cadência da narrativa nos aproximam um pouco do tom possivelmente utilizado pelo ilustre advogado quando nas lides jurídicas. Essa observação se baseia em conversas com contemporâneos de Dr. Clodoveu de Arruda, conversas que enfatizavam a sua verve e o tom grave e decidido de sua voz que chamava atenção de todos da cidade. Para o articulista, o Brasil sob o jugo de Portugal, padecia “dentro do domínio da clava inexhoravel das fatalidades históricas”, para depois se libertar e de “pequeno regato buscando a Terra da Promissão. – a cobiçada Channan da nossa emancipação”, e se transformar decididamente em “corrente volumosa e escachoante”, rompendo assim “as cadeias que acorrentavam o gigante paiz”... Nas palavras de Dr. Clodoveu, o Brasil teria um destino a cumprir, e um destino grandioso, porque “assim tinha de ser, porque a nossa terra, a privilegiada terra do Cruzeiro, que a Providencia nos concedeu, na partilha do mundo, é Pátria clássica da Liberdade”.

Na perspectiva das palavras citadas, podemos entender que a grandeza do Brasil estava prevista numa relação de “experiência e destino”, ou seja,

Por destino entende-se fatalidade, reservar esta ou aquela sorte à nação e ao povo. Na idéia de destino, há uma potência exterior ao homem que regula o curso dos acontecimentos; nela, há sempre um ser superior e exterior que sabe o futuro e o anuncia. Sem passado e sem presente, destino é uma maneira de dizer que jamais podemos mudar o presente porque tudo já está

¹⁵ COELHO, José Clodoveu de Arruda. Op. Cit. P. 12

definido nos céus de um futuro glorioso: “Brasil, o país do futuro”.¹⁶

Assim, “o gigante paiz enjaulado”, como uma fera presa, mas portadora de uma “fúria irreductível”, foi capaz de romper grilhões, diques e cadeias e se transformar num “grandioso país”. O “ser superior e exterior que sabe o futuro e o anuncia”, talvez possamos chamar de “História”. Uma história forjada nas arestas, nos esquecimentos, a fórceps na construção do Estado Nacional.

A grandeza concedida pela Providencia tornava o “paiz” o “lugar da história”, ou seja, o lócus fundamental da arregimentação de uma “verdade” produzida pela “fé” nos destinos da nação, já que na construção do argumento do ilustre Promotor de Justiça, a crença nos destinos da pátria equivalia a crença espiritual numa entidade maior que chamaríamos de civilização. Portanto, Pátria, Civilização e História responderiam ao chamado do futuro e garantiriam os rumos da nação. Nesse sentido, especialmente com relação a história, sabemos que

A imaginação histórica, pelo menos desde o século 19, deve ser compreendida como um espaço de enorme plasticidade e heterogeneidade (...). Ela pode ser encontrada não só em texto propriamente de historiografia, como também em discursos os mais variados (jurídicos, médicos, filosóficos e teológicos) (...)

17

Percebemos na leitura da revista que a História exerce uma poderosa “imaginação histórica” e heróica a serviço da consolidação de discursos em torno da defesa da civilização, do progresso e dos “bons princípios”, forças organizadoras dos destinos da pátria. E se nos anos 30 do século passado sabemos que o tema “que prevalece entre a intelectualidade é o da organização nacional (...), que tem no “monopólio da razão por parte de uma INTELLIGENTSIA ativa, prometéica, agindo

¹⁶ NOVAES, Adauto. Experiência e destino. In: Brasil 500 anos. Experiência e destino. A descoberta do homem e do mundo. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 10

¹⁷ FERREIRA, Antonio Celso. Heróis e vanguardas, romance e história: os intelectuais modernistas de São Paulo e a construção de uma identidade regional. In: Escrita, linguagem, objetos. Leituras de história cultural. São Paulo:EDUSC, 2004. p. 82

em nome de um bem comum, a sua pedra angular” (grifo do autor)¹⁸, os anos 20 daquele século apostaram força na construção de uma nação moderna, acertando o passo com o progresso e com o futuro, ainda assim a História exerceu o seu papel de artífice de um “mundo novo”, concentrada em torno da criação e constituição de um panteão cívico capaz de juntar povo e nação, espírito e corpo em prol da “Chanaan de nossa emancipação”, destino possível apenas porque a História estaria na vanguarda de todos os sentimentos e sentidos nacionais.

Mais adiante nos diz:

(...) e decidido e vibrátil, soltou o decantado brado da nossa Redempção Política – as palavras sacramentais de – Independência ou Morte – tinha a irrevogabilidade de um dogma de fé, e que, por isso mesmo, passaram para a nossa História argamassadas com o heroísmo de um povo envolvidas em nimbos de glórias.¹⁹

As palavras supracitadas anunciam pelo tom e vocabulário, o lugar do “brado do Ipyranga” na história da nação, entendido enquanto redenção política e “dogma de fé”. Sendo “a” verdade inquebrantável de uma nação que caminhava avassaladoramente para a sua “redenção política”. Nesse caso, a redenção política, fruto de um “brado retumbante”, tem um lugar mais do que especial no texto, no sentido em que o que é escrito, assume a veracidade e legitimidade do seu autor. O texto, então, assume a performance de seu articulista, de modo que o que vale como fundamento é a autoridade e a posição do autor dentro da cidade.

Em outra passagem do texto, nos diz o insigne jurisconsulto:

O imenso *hinterland* brasileiro, onde se sucediam os desvãos ubertosos, os inteminos mattagaes inexplorados, rolavam os rios nunca navegados, que se acachoeiravam nos pedrouços, espraçando-se serenamente pelo inextrincável labirinto das florestas.²⁰

¹⁸ LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: A década de 20 e as origens do Brasil Moderno. São Paulo: UNESP, 1998. p. 98

¹⁹ COELHO, José Clodoveu de Arruda. Op. Cit. P. 16

²⁰ Idem. P. 17

Temos aqui um dos mais resistentes motivos sobre o Brasil, que diz respeito ao imaginário que fazia do país um novo Éden, uma nova terra da promessa, pronta para receber o “homem civilizado”, para que suas terras ubertosas e inexploradas fossem transformadas em lugares de civilização. Entendemos assim que os imensos vazios existentes na terra inexplorada assentavam uma certeza praticamente imediata: a de que uma civilização não se fazia com vazios geográficos. Era preciso, portanto, povoar, habitar, morar, em outras palavras, abrir clareiras nas florestas para que cidades pudessem nascer do afã civilizatório do homem branco europeu, especialmente o português. Pelo menos é o que se depreende da leitura do texto.

O final do artigo é bastante revelador no sentido da garantia da exemplaridade do texto portador de uma retórica retumbante:

E, sob a evocação, no dia de hoje, da Pátria Brasileira redimida e emancipada, limpa dos resíduos sedimentares da vida colonial, concentremos os corações num único sentimento, num voto unisono, numa prece espontânea como o orvalho que cae, como o aroma que se evola, pela grandeza, pelo brilho nacional, pelo surpreendente fulgor nacional do nosso Paiz heróico e maravilhoso, que é a perola das Américas, engastando-se, fulgurando e deslumbrando neste portentoso continente, banhado a flux pela luz creadora de nosso magestoso sol tropical.²¹

O artigo, pelo que consta na data, foi escrito no dia 7 de setembro de 1922. A data em questão dá ao texto mais autoridade, mais legitimidade, e num gesto de evocação, praticamente abençoa a “Pátria Brasileira redimida e emancipada”, mas não apenas isto, também “limpa dos resíduos sedimentares da vida colonial”. Parece-nos bastante esclarecedora esta passagem em sua contradição, uma vez que é do senso comum a observação de que um dos motivos do “atraso” brasileiro foi exatamente motivado pela colonização portuguesa, havendo ainda quem acredite que se tivéssemos sido colonizados pelos ingleses, o nosso destino teria sido outro...

²¹ COELHO, José Clodoveu de Arruda. Op. Cit. P. 20

A pátria redimida e emancipada, limpa, heróica e maravilhosa, deslumbrante e fulgurante, sendo a “pérola das Américas”, é elevada ao mais alto grau de civilização, sendo transformada numa espécie de religião cívica, de berço fulgurante e portentoso do mais brilhante país.

Percebemos nitidamente no texto do ilustre juiz, a conjugação entre escrita, nacionalismo, história e missão, ou seja, como intelectual da cidade e da pátria, o seu artigo procura em primeiro lugar situa-lo na estirpe dos mais ilustres sobralenses, para em seguida louvar a Pátria, cadenciar sua evocação para que a força do lugar não subverta o todo da nação. Nesse sentido entendemos que

A perspectiva de missão, forte entre os intelectuais já nos anos iniciais da Primeira República se aprofunda e ganha novos significados sob o impacto do processo vivenciado ao longo dos anos 20 (...) trazendo à uma identidade intelectual que se define pela tentativa de construir, como se fossem termos intercambiáveis, a nação, o povo e o moderno.²²

²² LAHUERTA, Milton. Op. Cit. P. 95